

A COSMOLOGIA DE LEÃO HEBREU

Daniel Rodrigues de Assis Martins

Graduando da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Unifesp.

Resumo: O filósofo de origem judaica, Judá Abravanel, mais conhecido como Leão Hebreu, teve grande popularidade no período da Renascença com sua principal obra, *Diálogos de Amor*. O livro *Diálogos de Amor* foi traduzido para diversas línguas e, segundo o estudioso português Joaquim de Carvalho, só caiu no esquecimento porque teve sua tradução espanhola, de 1590, incluída no *Index* da Contrarreforma. Atualmente é considerada uma das obras filosóficas mais importantes da época. Leão foi um homem bastante influente e seu reconhecimento não se devia apenas a sua grande erudição, mas também a ser um médico muito requisitado. Nasceu em Portugal, mas viveu a maior parte de sua vida na Itália devido à forte perseguição aos judeus na Península Ibérica. A Itália recebeu grande número de judeus no início do século XVI. Além de suas habilidades em diversas profissões, os judeus levaram para o país suas tradições de interpretação filosóficas e religiosas. A cultura humanista e o respeito à diversidade eram fortes valores na Itália deste período, talvez por esse motivo a Cabala tenha tido tanta influência no renascimento italiano. É neste ambiente que Leão Hebreu escreve o livro peculiar e único que dispomos hoje de sua autoria. *Diálogos de Amor* tem características inusitadas tanto para a Itália renascentista quanto para a tradição judaica da qual faz parte. É o que podemos observar ao analisarmos seu modelo cosmológico. Ele parte da estrutura comum, de um universo dividido em três mundos de forma hierárquica. O mundo inferior é o mundo da matéria, onde se tem geração e corrupção. O intermediário é o mundo celeste e o mundo superior é o mundo inteligível. Mas, enquanto a maioria de seus predecessores judeus faz uma acomodação do modelo das esferas de Aristóteles à fé judaica, Leão Hebreu vai além: mesmo afirmando os postulados mais essenciais do judaísmo, nos traz um modelo cosmológico onde o universo é um ser vivo, como um animal provido de corpo. Em sua exposição, não

deixa de seguir a tendência enciclopédica de seu contexto histórico e cita todos os modelos cosmológicos mais aceitos na época, fazendo ponderações sobre eles.

Trabalho:

O filósofo da Itália renascentista Judá Abravanel, mais conhecido como Leão Hebreu, nasceu em Portugal, em meados da década de 1460. Seu pai foi Isaac Abravanel, um importante estudioso da filosofia e da religião judaica. Trabalhou como tesoureiro do reino de Portugal e tornou-se conselheiro do Rei Afonso V. Filho de um exegeta reconhecido como Isaac Abravanel, comentador de Maimônides na sinagoga, Leão Hebreu provavelmente teve um rigoroso programa de estudos durante sua infância e juventude. Entre os judeus há o costume de se prezar por rigorosa formação intelectual dos filhos homens. Acredita-se que Isaac tenha sido o principal iniciador de Leão nos conhecimentos de Cabala, de filosofia e de teologia judaica, mas certamente o jovem Abravanel teve contato com outros mestres da sinagoga de Lisboa. No final do século XV, a comunidade judaica de Lisboa era uma das que mais se destacavam culturalmente em toda a Península Ibérica.

Com a morte do rei Afonso V, em 1481, e a subida ao trono de João II, o pai de Leão foi acusado de conviver com parte da nobreza que havia conspirado contra o novo Rei, tendo que fugir para Castela em 1483, deixando para trás sua reputação e sua fortuna. No entanto, em poucos anos Isaac Abravanel já havia alcançado o posto de tesoureiro de Castela e Leão Hebreu, já em idade adulta e médico prestigiado, encontrava-se a serviço dos Reis Católicos da Espanha. Foi nesse período que Leão se casou e teve seu primeiro filho, desfrutando uma vida confortável na Espanha até 1492, ano da promulgação do Decreto de Alhambra. Esse decreto determinava que os judeus que não se convertessem ao cristianismo seriam expulsos da Espanha. Houve grande esforço por parte da nobreza espanhola em convencer a família Abravanel a se converter ao cristianismo, visto que os serviços de Isaac e Leão eram muito estimados. Porém, eles não se converteram e seguiram para a Itália, destino de grande número de famílias judias que foram expulsas da Península Ibérica. Além das diversas profissões que os judeus exerciam, levaram para a Itália muitos dos seus intelectuais e suas tradições de interpretação dos textos bíblicos. Dentre essas tradições encontra-se a Cabala, que exerceu forte influência no renascimento italiano. Com efeito, grandes

nomes como Pico Della Mirandola e Egidio de Viterbo buscaram o conhecimento das interpretações da Cabala.

A nova morada da família Abravanel seria Nápoles, que recebeu grande número de famílias judias, e onde o acolhimento de tais famílias foi empreendido como uma política de estado. O rei Ferrante I não só incentivou a vinda de judeus para seu reino, mas também os ajudou com recursos financeiros em sua chegada. Além disso, a coroa de Nápoles estava marcada por uma forte tendência humanista, o rei Ferrante I foi protetor das artes e das letras e apoiou a presença de humanistas nos quadros de governo. Além disso, suas políticas favoreceram o comércio e a criação de gado, introduziram a imprensa em Nápoles e limitaram as imunidades eclesiásticas. Leão ainda é obrigado a deslocar-se para outras regiões da Itália nos anos posteriores devido à perseguição aos judeus, mas volta para Nápoles por outras duas vezes.

É no ambiente da Itália renascentista que Leão escreve sua obra *Diálogos de Amor* que, segundo João Vila-Chã, figura entre as mais importantes obras de filosofia da Renascença. O texto alcançou grande popularidade no século XVI e foi traduzido para diversas línguas. Para o estudioso português Joaquim de Carvalho, o esquecimento da obra é devido principalmente à Contrarreforma. “A inclusão no Index da tradução espanhola de 1590 e o sabor acentuado da época foram causa do esquecimento em que caiu esta obra¹”. *Diálogos de Amor* segue tendências de textos filosóficos do período renascentista italiano, que têm caráter enciclopédico e apresentam diversas correntes filosóficas. É possível que Leão não apresente em seu texto tanta erudição quanto Pico Della Mirandola e Marsílio Ficino, mas provavelmente é mais original. O livro de Leão é bastante peculiar no contexto da Itália renascentista, porque enquanto Pico e Ficino se esforçam para conciliar a Academia de Platão ao cristianismo, o esforço de Leão é o de fazer tal conciliação com o judaísmo. Segundo João Vila-Chã, “os *Diálogos de Amor* estão dotados de um caráter verdadeiramente excepcional dentro da tradição dos tratados sobre amor que tanta importância tem para o contexto do Renascimento.

¹ CARVALHO, Joaquim. História e História da Filosofia. Disponível em:

<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/22-Capitulo-II-A-obra-de-Leao-Hebreu-> - Acesso em: 12 Março 2014.

Julgamos ser esta uma distinção que claramente lhes pertence devido à excepcional importância que eles atribuem à dimensão cósmica do amor²”.

Em *Diálogos de Amor* a dimensão do amor humano e a do amor divino, que liga Deus às criaturas, é tratada sob o mesmo conjunto de relações. A escrita no formato de diálogo era bastante apreciada na Itália do início do século XVI, além de ser o formato do próprio *Banquete* de Platão, mas o texto de Leão tem a característica bastante incomum de tratar-se de um diálogo entre apenas duas pessoas. Nesta perspectiva, a relação entre os dois personagens, Fílon e Sofia, pode ser interpretada simbolicamente como a relação entre Deus e a Criação. Esta peculiaridade de Leão também pode ser vista como uma consequência de sua filiação ao judaísmo e da influência do texto bíblico *Cântico dos Cânticos* na filosofia judaica da idade média. Em *Cântico dos Cânticos* a relação entre os locutores também é simbolizada como a relação entre Deus e a Criação.

Mas a obra de Leão também é inusitada com relação à tradição da filosofia judaica, isso é bastante perceptível ao observar sua cosmologia. A maioria dos filósofos judeus que o antecedem faz uma acomodação do modelo das esferas de Aristóteles com a fé judaica. Leão Hebreu, por sua vez, estando no contexto renascentista e influenciado pelos círculos intelectuais italianos de tendências platônicas, desenvolve um verdadeiro debate entre interpretações filosóficas, religiosas, astrológicas e mitológicas. O que ele nos traz como resultado é uma cosmologia onde o universo é um ser vivo, como um animal provido de corpo. Isso tudo mesmo sem deixar de afirmar os postulados mais essenciais do judaísmo. Ele parte da estrutura comum de um universo dividido em três mundos de forma hierárquica. O mundo inferior é o mundo da matéria, onde se tem geração e corrupção. O intermediário é o mundo celeste e o mundo superior é o mundo inteligível. Mas todas as partes, do Deus criador até os componentes mais elementares da matéria, tudo está intrinsecamente ligado pelo amor.

² VILA-CHÃ, J. J. Leão Hebreu e o significado da sua obra. In: HEBREU, Leão. *Diálogos de Amor*. Tradução de Giacinto Manuppella. Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001, p 45

As estrelas, que são chamadas estrelas fixas na linguagem medieval, são membros não organizados: ossos, nervos, veias, panículos e cartilagens. Já os sete planetas conhecidos na época, seriam os membros organizados como coração, cérebro etc. Leão passa boa parte dos diálogos entre os dois personagens do texto nos explicando como o amor pode estar em tudo que existe. Fílon é o amante e simboliza o amor, o masculino, o aspecto ativo. Já Sofia é a amada, simboliza a sabedoria, o feminino, o aspecto passivo. Os diálogos são o esforço de Fílon em conquistar sua amada. Mas Sofia não se dá às suas investidas, versada em filosofia, ela busca saber se o amor que ele sente é verdadeiro e o que ele pensa sobre o amor e o universo. Fílon se vê obrigado a definir o que é amor e ela vai percebendo, cada vez mais, que a visão de Fílon sobre estas questões é bastante coerente.

Fílon diz que o amor está presente em tudo que existe, mesmo na matéria inerte. As partes mais elementares da matéria juntam-se para formar os corpos por amor mútuo. E os corpos têm formas mais ou menos excelentes de acordo com o maior ou menor grau de amizade, ou amor, entre suas partes elementares. Mas Sofia nunca se mostra uma interlocutora que aceita facilmente o que é dito. Ora, como pode haver amor em corpos que não têm vida e que, portanto, não têm sentimentos? Como pode haver amor em seres que não têm cognição, se só se deseja e ama aquilo que se conhece? A resposta é que estes corpos inertes são orientados pela alma do mundo. É a alma do mundo que conhece e governa todas as coisas inferiores. Ela tem uma reta e infalível cognição das coisas naturais e zela pela manutenção das suas naturezas. “Tal com uma seta que busca diretamente o alvo, não por seu próprio conhecimento, mas pela cognição do atirador que a aponta, assim estes corpos irracionais procuram o seu próprio lugar e fim, não por cognição própria, mas pela reta cognição do primeiro Criador, infusa na alma do mundo e na natureza universal das coisas inferiores³”. O céu, por meio da alma do mundo, dá forma à matéria existente na Terra e, como um pai, é fonte de vida para a geração na matéria. A Terra, por sua vez, é a mãe responsável por cuidar dos elementos que formam os corpos materiais.

Mas como pode haver amor em coisas eternas como os corpos celestes? A causa principal e mais comum do amor parece ser a geração e não há geração entre os corpos

³ HEBREU, Leão. Diálogos de Amor. Tradução de Giacinto Manuppella. Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001, p 123

celestes. Fílon responde todas as perguntas de Sofia com a paciência de um amante. O amor das coisas intelectuais e dos corpos celestes é mais excelente que o dos corpos inferiores. Não há geração entre eles porque são ingeneráveis e incorruptíveis, mas eles são causa da geração na terra. “Como o céu, pai das coisas geráveis, se move num movimento contínuo e circular sobre todo o globo da matéria primeira, ao mover-se e remexer todas as suas partes ela germina todos os gêneros e espécies e indivíduos do mundo: assim como movendo-se o macho sobre a fêmea e movimentando-a, ela procria filhos⁴”. Assim, o céu tem amor por tudo que é gerado na Terra e participa da geração como um pai. Mas e entre corpos celestes, existe amor? É possível entender que os celestes amam os seres da terra porque são causa da geração e a geração é a causa principal de amor entre as coisas do Universo. Mas entre os corpos celestes não há geração, como pode haver amor entre eles?

Os corpos celestes se movimentam com tamanha correspondência e concórdia. Tantos são os orbes celestes e tão diversos os movimentos que realizam com harmonia tão perfeita. Quem, ao observar a concórdia reinante entre eles não ficaria espantado com a sagacidade Daquele que os criou? Onde entre os corpos inferiores encontraríamos tamanha concórdia e tão perfeita harmonia? Sabendo que amor e amizade são a causa de toda a concórdia, devemos atribuir mais perfeito amor e amizade entre os corpos celestes. A harmonia dos movimentos dos corpos celestes nos aparece como uma consequência que necessariamente tem por causa o amor. Mas qual seria a causa do próprio amor entre eles?

A conformidade da natureza e da essência entre os céus, planetas e estrelas é perfeita. Os movimentos e os atos dos corpos celestes se correspondem com perfeita proporção. De diversos corpos se forma uma harmônica unidade. Com tal unidade e harmonia eles se apresentam como diversos membros de um corpo organizado e não como diversos corpos separados. De modo que os celestes que são tão diversos em grandeza e movimentos formam uma combinação tão harmônica e tão compacta, que se falhasse uma mínima partícula, o todo se dissolveria. A causa do amor entre os corpos celestes é a conformidade de suas naturezas, não só como indivíduos diversos, mas como membros de um único indivíduo. “Assim, as partes do céu se amam mutuamente com conformidade natural e, concorrendo todas para uma união de fim e de obra, se

⁴ Ibidem, p 132

servem uma à outra e se ajeitam nas necessidades, de modo a formar um corpo celeste perfeitamente organizado⁵”. Mas existe ainda outra causa de amor entre os celestes. Cada um dos corpos é dotado de excelente virtude. A virtude de cada um deles é necessária para o ser de todos os outros, de todo o Céu e de todo o Universo. Como todos os corpos celestes conhecem a virtude de todos os outros, eles se amam reciprocamente graças a ela. E isso não por benefício próprio ou de cada um deles, mas por um benefício universal, do Universo todo, pois sem tal benefício todo o Universo seria destruído. Esta causa de amor também pode ser encontrada nos homens virtuosos, o amor que sentem não é em benefício particular, mas em benefício do Universo. Além disso, o corpo do homem deve apresentar harmonia de funcionamento dos seus membros, e deve existir amizade entre eles. Da mesma maneira que a conformidade da natureza dos corpos celestes é causa do amor entre eles, também no corpo dos homens a compleição natural é causa do amor entre seus membros. Portanto, têm-se duas causas de amor que os homens compartilham com o mundo celeste. Os corpos celestes são os mais perfeitos dos animais e os homens são a espécie mais perfeita dos animais da terra.

Sofia concede a Fílon que existe amor entre os corpos celestes mesmo que não exista geração entre eles. Mas e os intelectos espirituais celestes, estão sujeitos ao amor como as criaturas corporais? Se estão desprendidos da matéria, não estarão eles liberados dos laços amorosos? Se amor é desejo de algo que falta, como pode existir amor nos corpos espirituais se a falta é própria da matéria? É compreensível que os seres materiais e imperfeitos desejem a união com os espirituais e perfeitos, mas por que desejariam os perfeitos unirem-se com os imperfeitos?

Fílon responde que o amor é próprio das coisas espirituais. O ser, a vida, o intelecto e todas as perfeições dependem dos elementos espirituais. Assim, o amor também é algo que transporta-se dos imateriais para os materiais. Existem ordens de perfeição entre os intelectos espirituais. Um é mais perfeito que o outro e de mais clara e sublime essência. Entre eles, o inferior deseja unir-se ao superior. Todos amam principal e sumamente o supremo Deus. Todos sempre buscam a fonte com seus atos intelectivos. Deus é fonte da qual provém todo o ser e o bem deles. A união com a fonte é desejada com profundo afeto por todos. Na ordem do Universo, o inferior depende do superior e o mundo corpóreo depende do mundo espiritual. A consequência disso é que

⁵ Ibidem, p 148

a imperfeição do inferior acarreta em imperfeição no superior. Isso porque a imperfeição do efeito é sinal de imperfeição da causa. A causa ama seu efeito, o superior deseja unir o inferior a si para livrá-lo do defeito. Tornando o inferior mais perfeito, o superior livra a si próprio da imperfeição. Se não for assim o superior fica maculado com a quebra de sua excelência. “O superior ama e deseja unir a si o inferior, para que cada um deles seja perfeito, sem falhas no seu grau, e para que o Universo se una e ligue si sucessivamente com o laço de amor que une o mundo físico com o espiritual e os inferiores com os superiores. Essa união é o principal fim do sumo Opífice e onnipotente Deus na produção do mundo, com diferenciação ordenada e pluralidade unificada⁶”.

Desta maneira, nas palavras de um amante que corteja sua amada, Leão Hebreu nos apresenta um universo que é um indivíduo, onde todas as partes colaboram para o fim último, que é o bem do indivíduo. O amor obriga que haja união e colaboração entre todas as partes do universo. Amando os inferiores os superiores alcançam seus objetivos, pois trabalham para o fim último que é a união de todas as partes.

⁶ Ibidem, p 202

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA. Português. Cântico dos Cânticos. Ed. Loyola, São Paulo, 1989. 689p.
- CARVALHO, Joaquim. Historia e Historia da Filosofia. Disponível em: <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/22-Capitulo-II-A-obra-de-Leao-Hebreu-> - Acesso em: 12 Março 2014.
- HEBREU, Leão. Diálogos de Amor. Tradução de Giacinto Manuppella. Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001.
- MAIMONIDES, Moises. Guia dos Perplexos, parte 2. Trad. Uri Lan. Ed. Landy, São Paulo. 2003.
- PLATÃO. Banquete. Trad. José Cavalcante de Souza. ed. Abril Cultural, São Paulo. 1972.
- VILA-CHÃ, J. J. Leão Hebreu e o significado da sua obra. In: HEBREU, Leão. Diálogos de Amor. Tradução de Giacinto Manuppella. Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001, 9p.